

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO AO DOSSIÊ TEMÁTICO:

Jornalismo no Brasil e na África: Influências cruzadas, desenvolvimento e perspectivas

Copyright © 2017
SBPjor / Associação
Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo

MARIE-SOLEIL FRÈRE
Université Libre de Bruxelles, Bélgica

ANTONIO HOHLFELDT
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Brasil

VIOLA MILTON
University of South Africa, África do Sul

SUSANA SALGADO
Universidade de Lisboa, Portugal

Editores convidados

O jornalismo no contexto de países não-Ocidentais emergiu sob circunstâncias que frequentemente levaram a caminhos particulares: a contribuição aos movimentos anticoloniais, a luta contra a discriminação imposta pelas elites colônias – e, mais tarde, pós-coloniais – contra as populações locais, a busca por distanciamento do modelo de mídia controlado por governos de partido-único. Ao mesmo tempo, as mídias se inserem e são afetadas os desafios econômicos sem precedentes que ocorrem nos países pobres.

Este número especial está interessado em explorar as condições nas quais o Jornalismo é praticado e estudado nesses contextos. Mais especificamente, busca na teoria e na prática do

jornalismo na África e no Brasil, focar-se nas práticas profissionais e nas instituições do Sul Global. Também busca discutir o papel do jornalismo ao moldar as relações globais e as mudanças no ambiente midiático. Pretende-se explorar o escopo da pesquisa, da formação e da práxis em jornalismo em diversos contextos do Brasil e da África, com um olhar sobre as tensões individuais e os interesses que emergem a partir observações de estudos de caso ou de comparações.

Além disso, esta edição da **BJR** tinha como foco as possíveis influências cruzadas entre essas duas entidades geográficas. Contudo, o número limitado de contribuições comparativas recebidas pelos editores após o lançamento da chamada de trabalhos mostra que ainda existe uma grande lacuna nesse campo de pesquisa. Apesar dos laços históricos entre Brasil e África, de uma língua partilhada entre o Brasil e pelo menos cinco e países africanos, e mesmo da circulação de informações e de entretenimento (as telenovelas) que ocorre há décadas, pouco interesse de pesquisa foi devotado à comparação dos desenvolvimentos e perspectivas dos sistemas midiáticos desses dois espaços. O mesmo se aplica ao desenvolvimento de ferramentas metodológicas que poderiam incentivar a reflexão sobre abordagens “desocidentalizadas” do jornalismo.

Por isso, este número temático se constituiu em uma primeira tentativa para apresentar artigos conjuntos sobre Brasil e África visando contribuir para a construção de abordagens globalizada na prática, no ensino e na pesquisa em jornalismo. Quais são as diferentes influências contextuais – sociais, culturais, políticas e econômicas – que impactam no jornalismo? Como os jornalistas e os pesquisadores em jornalismo no Brasil e na África percebem essa atividade, as mudanças em seus papéis e funções, suas relações com outros espaços? Quais são os estrangimentos experienciados pelos jornalistas nesses ambientes?

Este número especial não foi capaz de discutir todos esses temas mas pelo menos alguns deles puderam ser abordados e uma pequena circulação de dados pode começar a partir desta iniciativa. O primeiro artigo, de autoria de Lisboa e Pedro Aguiar, respectivamente doutorandos na Universidade do Vale do Rio dos Sinos e na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, tentam analisar a quantidade de informações que circulam entre o Brasil e os cinco países lusófonos da África (os PALOPs) – Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe. Trabalhando com seis agências de notícia desses países, a pesquisa busca traçar as

citações mútuas e em relação à agência pública brasileira ABr. O estudo mostra que as agências brasileiras e africanas não possuem relações diretas, mas que os conteúdos circulam por meio da agência portuguesa Lusa. Nesse sentido, os autores argumentam que “o espaço lusófono de circulação informacional assemelha-se a um novo ‘comércio triangular’”, em que “todos os contatos são mediados por pelo vértice europeu como acontecia no período colonial”.

Focando-se na forma como os jornalistas brasileiros representam outras nações de língua portuguesa, o artigo de José Cristian Góes e Elton Antunes, ambos da Universidade Federal de Minas Gerais, analisa o conteúdo dos dois jornais de maior circulação no Brasil: *Folha de S. Paulo* e *O Globo*. O estudo identifica que a leitura de senso comum de uma identidade criada em torno da Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CLPL) é obscurecida pelos temas econômicos da globalização: não apenas a CPLP é quase inviabilizada pelos jornais estudados mas, quando ela aparece, Portugal e Brasil são geralmente representados como países superiores em relação aos países pobres, corruptos e ditatoriais da África. O mesmo se aplica ao Timor Leste que só é visto como útil ao Brasil por conta da sua busca por apoio por um assento permanente no Conselho de Segurança da ONU.

Os demais artigos fornecem um olhar em relação às duas outras principais comunidades linguísticas do continente africano: junto com o português, o inglês e francês são as duas línguas mais importantes da região, um legado da colonização que só terminou no início dos anos 1960. O trabalho Fatima Abubakre, da University of Ilorin, Nigéria, lança um olhar na cobertura da campanha das eleições presidenciais na região sudoeste do país mais populoso da África. Ele mostra que, desde os primeiros jornais, ainda durante o regime colonial britânico, até os dias de hoje, quase todos os jornais da Nigéria foram criados em associação com algum partido político e que vários deles pertencem a políticos. O estudo mostra em que medida a cobertura da campanha reflete as tendências políticas dos proprietários de cada jornal.

Finalmente, o artigo de Lassané Yaméogo, pesquisador da Université Ouagadougou em Burkina Faso, antiga colônia francesa, propõe uma reflexão sobre os mecanismos e linhas de ação que mantêm os estereótipos de gênero das redações, e em como as jornalistas mulheres são representadas na mídia. Mesmo sem a intenção de produzir uma comparação com os países da África

Lusófona ou com o Brasil, esses dois últimos trabalhos mostram que o jornalismo deve ser analisado a partir dos contextos locais, sociais, econômicos e políticos nos quais ele é praticado.

A partir desses quatro estudos de caso, outras pesquisas podem surgir, dando origem a futuras comparações ou pesquisas aprofundadas sobre as práticas jornalísticas e a circulação de informações e influências para além do mundo Ocidental. Quais abordagens novas ou em desenvolvimento sobre a pesquisa e o ensino de jornalismo devem ser desenvolvidas para dar continuidade à internacionalização dos estudos em jornalismo e mídia nesses contextos? Como os jornalistas contribuem para a mudança política e social nesses dois espaços geográficos? Como o jornalismo adaptou a internet como uma ferramenta nesses ambientes peculiares?

É claro, os editores deste número especial gostariam de ter recebido mais propostas que respondessem a esses e outros questionamentos, mas esta limitada seleção de estudos pode ser vista como uma primeira tentativa para se construir uma ponte Sul-Sul que atravesse Oceano Atlântico, um primeiro passo para estabelecer trocas de conhecimento e de pesquisa que não precisem passar pela Europa para serem disseminadas da África para o Brasil e do Brasil para a África.